

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Roberto Gavaldón, O Outro Mexicano
16 e 24 de Setembro de 2025

RAYANDO EL SOL / 1946

um filme de ROBERTO GAVALDÓN

Realização: Roberto Gavaldón / Argumento original: Pascual García Peña / Adaptação: Tito Davison, Roberto Gavaldón / Fotografia: Ignacio Torres / Música: Chucho Monge / Interpretação: Pedro Armendáriz (Pedro), David Silva (Carlos), María Luisa Zea (Lupe García), Domingo Soler (Padre Sebastián), Enrique Zambrano (Rodolfo), Carlos Villarías (Don Ricardo), Perla F. Aguiar (Lupe, criança), Narciso Busquets (Pedro, criança), Adolfo Ocaña (Carlos, criança), Enrique Zambrano (Rodolfo).

Produção: Films de América (México) / Produtor: Luis Manrique / Cópia: em 35mm, preto e branco, 93 minutos, versão original com legendas electrónicas em português / Estreia mundial: 18 de Julho de 1946, México / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

“Não devemos entregar-nos ao mundo dos sonhos, devemos entregar-nos à realidade”.

dos diálogos de **Rayando el Sol**

Como se escrevia na altura da estreia do filme na revista espanhola *Primer Plano*, “O cinema mexicano distingue-se pelo seu domínio dos ambientes rurais e autênticos. El Indio Fernández não fez mais do que potenciar através da sua psicologia primitiva o que outros realizadores fizeram. O feito literário mais saudado da nossa cinematografia irmã é ter ido buscar a verdade junto da terra e do real (algo que escasseia no cinema espanhol, para o qual os camponeses são um coro de zarzuela). Por isso **Rayando el Sol** é um filme amargo, duro, quase bárbaro e naturalmente humano”.

Compara-se o cinema de Roberto Gavaldón ao de Emilio Fernández, como vem sido hábito (“o outro mexicano”), mas também poderíamos comparar com o de Luis Buñuel, muito particularmente com os filmes que rodou no México, já que o período em que o cineasta espanhol aí trabalhou, entre 1947 (**Gran Casino**) e 1965 (**Simão do Deserto**) corresponde ao período mais próspero do cinema mexicano, a sua época de ouro, e em que este se afirmava como uma alternativa viável ao cinema de Hollywood. Entre “melodramas domésticos” e “musicais rancheiros” encontramos um conjunto de realizadores e de estrelas que passam de filme para filme, assim como fórmulas mais ou menos realistas que nos devolvem um cinema único.

Mas voltemos ao princípio. Depois de cerca de uma década a trabalhar como assistente de realização, Gavaldón dominava bem as técnicas do cinema e conhecia muita gente. Em 1944 rodou a sua primeira longa-metragem, **La Barraca**, que foi desde logo um êxito junto do público e da crítica. Em 1945 fundou, com o director de fotografia Gabriel

Figuroa e os realizadores E. Fernández, Alejandro Galindo ou Ismael Rodríguez, o Sindicato dos Trabalhadores de Produção Cinematográfica, e em 1946 participou na criação da Academia Mexicana de Artes Cinematográficas. 1945 e 1946 foram também grandes anos para Gavaldón em termos de produção cinematográfica, tendo **Rayando el Sol** sido realizado quase ao mesmo tempo que **La Otra** (outro dos grandes sucessos de Gavaldón) e **El Socio**, antecedendo **El Rebozo de la Soledad** (1947), com o qual partilha uma grande parte do elenco.

Menos conhecido que estes outros títulos, **Rayando el Sol** é um melodrama rural que envolve um triângulo amoroso. O folclore da vida das “haciendas” mescla-se com uma narrativa excessiva de amores fraternais e paixões acesas, mas também com a rudeza e o realismo que referimos no início. Dois grandes amigos amam a mesma mulher desde a infância, jovem frívola e dominadora representada por María Luisa Zea (Lupe García), quando adulta. Eles são Pedro Armendáriz (Pedro), o homem pobre, e David Silva (Carlos), o amigo rico, e todo o filme é um teste à sua amizade, posta à prova por uma mulher.

Rayando el Sol é bem ilustrativo dos temas que atravessam toda a obra de Gavaldón – os amores frustrados, a morte, a importância da posse da terra e da casa –, mas também nos apresenta várias outras figuras que enformam a sua obra – uma ênfase na repetição, no desdobramento de personagens e de actores (**La Otra**, etc.) – e um uso apuradíssimo da *mise en scène*. Elementos comuns no melodrama que são tratados por Gavaldón de modo admirável. Extremamente engenhosa é a elipse em que Lupe se despe atrás de um tronco de árvore em menina, e mergulha dentro de água, regressando ao mesmo plano já jovem adulta para se vestir. Momento belíssimo de um filme cuja simplicidade acompanha um *savoir-faire* invejável. Mas este uso metafórico de um plano “em espelho” prolonga-se numa outra figura que domina este momento do filme e outros que se seguirão: a repetição. As duas atrizes que dão corpo a Lupe têm a oportunidade de representar as mesmas cenas com muitos anos de diferença, como revela a subida da escadaria das duas “Lupes”, em que se confrontam com uma visão da virgem, que é substituída pela presença de Pedro, chamado pelo Padre Sebastián ambas as vezes (Domingo Soler repete a “mesma” personagem de filme em filme). Lupe, no fundo, substitui uma possível esposa de Carlos, e Pedro o próprio Carlos, quando o pai do primeiro o convida a plantar uma laranjeira ao lado da que plantou com a sua mãe. Mas Pedro encontra um grande obstáculo que o Padre o convida a superar. Momento simbólico que contribui para o acentuar da tensão. Repetem-se os gestos, repetem-se os planos, num prodígio da *mise en scène*, em rasgos a que Roberto Gavaldón já nos habituou. Como afirmava Heráclito: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”. Tudo flui, nada permanece.

À distância de um outro Continente, ainda se discutia a possibilidade do início de uma Guerra Mundial na Europa, que por altura da rotação do filme já tinha terminado. “Se o manto da Virgem de Guadalupe não tivesse mais estrelas, que diferente seria o mundo”, proferia o Padre Sebastián no início de **Rayando el Sol**. No final: “Esqueceste-te de um dos mais sagrados mandamentos: Não matarás”.

Joana Ascensão